

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO
Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Volume XXXVII

Redacção e Administração
T. do Convento de Jesus, 4 — Lisboa

20 de Agosto de 1914

Computo e Impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27 — Lisboa

N.º 1283



Maestro David de Sousa

Realisa-se em breve, na Praça do Campo Pequeno, um extraordinario concerto sinfonico, Grandioso e imponente, como será indubitavelmente, não nos lembramos de outro que assim nos ultimos tempos se efectuasse. A orchestra, composta de 150 executantes, escolhidos d'entre os melhores que em o nosso restrito meio musical se têm revelado, é dirigida pelo insigne Maestro David de Sousa.

CRONICA OCCIDENTAL

... É ainda será possível a existencia de criaturas racionais que neguem a portuguezes de hoje as qualidades antigas de bravura e tino bélico?... Se existem — esmaguem-nas, sem comiserção, como escalrachos de maleficio. Esses pequeninos sêres rasteirinhos são indubitavelmente nocivos, no momento actual, por entre a seara de heroismos que vai paiz em fóra de modo espontaneo verdeando. Sim. Não ha contestál-o. Portugal conserva intactas as qualidades altissimas de gloria que o reveláram, tantas vezes, eminentemente, em Ourique, Atoleiros, Montes-Claros, e Rotunda. Torna-se necessario que não nos esqueçamos jamais.

Haja em vista, a efervescencia, e impeto guerreiro que os ameaços de conflagração europeia puderam suscitar nos animos lusos, recentemente.

Somente, por acaso, uma gazeta, sem duvida, reaccionaria, utilizando processos de politica, perguntava, ha dias, com momicas de candorosa: Para que preocupar-nos a guerra declarada entre a Austria e a Servia?... Isto é, a gazeta supra-referida, para não ser acusada de anti-patriotica num momento de crise internacional que pode muito bem atingir directamente as nossas fontes de vida, pretendia não ligar importancia maior ao conflito europeu e assim não intentava depôr a picareta rija que desmorona as paredes mestras do Regimen. Demais, ha ainda por ahi um homem gordo que todo se desfaz em lagrimas e oleos de banha, ao analisar esse movimento insolito que tende a transportar, nem mais, nem menos, para os campos longinquos de batalha, nossos irmãos bem-amados portuguezes.

Com efeito, é de emocionar. A esse homem grande cujas adiposidades bastas tanto pesam ainda na balança da politica nacional, não bastavam as manhas dos ultramontanos, nem as más condições do commercio-de-vinhos do norte; era-lhe reservado mais o espectáculo pungente dessa mole enorme de gente, inundada de lagrimas, velhos, mães, filhas, noivas, que vêem partir entes queridos para os campos de exterminio...

De resto, postas de parte excepções raras, Portugal deseja intervir de pronto com a sua armada formidanda e poderosissimo exercito na Grande Guerra. O que é certo, é que os animos portuguezes estremecem com veemencia em estos de belicosidade. Declarámo-nos, sem hesitar, terminantemente, contra a Alemanha. Tecemos elogios longos á França. Colocámo-nos incondicionalmente ao lado da Inglaterra.

Porque? Era-nos necessario tomar uma situação clara e assumir uma attitude definida. As condições proprias da nossa nacionalidade assim nol-o exigem de momento. Um gesto dubio só poderia, e sem remedio, prejudicár-nos, no caso de victoria da Triplice-Entente, e de nada nos serviria no caso de victoria da Austria e Alemanha. E assim, digam o que disserem, apesar de tudo, não são motivos de sentimentalidade, mas razões de ordem practica, que nos impulsionam irresistivelmente para as fileiras da nossa aliada secular — consoante soe dizer-se. Das três grandes

potencias, em luta, acima referidas, que mais encarecidamente chamam a nossa attenção, recebemos nós, conforme os tempos, motivos de resentimento ou gratidão. França? Auxiliou, de certo modo, em 1640, a restauração de Portugal. Mais tarde, expoliou-nos ignominiosamente sob o imperio de Napoleão. Alemanha? Somos gratos á memoria de Schomberg e Schaumbourg-Lippe. Todavia, não podemos esquecer a atrocidade de Kionga. Inglaterra? São importantes e relevantes os serviços que nos tem prestado. Comtudo, abandonou-nos no incidente de «Charles-et-George» e arremessou-nos cruelmente o *ultimatum* de 1890. Evidentemente, a evocação sumaria destes factos não influe no modo actual do nosso proceder. Razões desta ordem, resentimentos pequeninos ou breves pruridos de vingança, não pesam nas decisões das chancelarias. Tanto mais que, paiz pobre, estamos á mercê da primeira rajada de tempestade e leão imbele podemos tornar-nos victimas do ultimo jumento.

E assim — acrescentou, com sisudês, ledôr de periodicos, politico de chinelas, afamado pela vizinhança, Metternich de escada, o nosso porteiro, de quem temos relatado as considerações ponderosas — collocámo-nos incondicionalmente ao lado da Inglaterra, para satisfação dum compromisso-de-honra e interesses imediatos...

A nossa aliada fidelissima defende acaso um principio de direito? Tanto melhor. Organizam-se batalhões de voluntarios. Promovem-se cortejos de manifestação. Agitam-se bandeiras multicôres.

Portuguezes, á primeira voz, prestos, marcham...

Entretanto, as potencias ainda não sentiram por ora necessidade do nosso auxilio contingente.

ANTONIO COBEIRA.



Solipsismo e Psitacismo

Uma geração não pode compreender *precisamente* a geração que a antecedeu. O facto historico converte-se em lenda, e a critica não pode já destrinçá-lo nitidamente.

E assim a critica historica debate-se sempre num calculo de probabilidades. No proprio momento em que se realisa, o facto perde-se para sempre; visto que os testemunhos e interpretações são hesitantes, e por vezes contraditorios.

As opiniões divergem imediatamente. E essa divergencia não resalta sómente da divergencia inevitavel dos testemunhos, mas tambem das vias diversas por que se conduzem esses testemunhos.

Ha, portanto, uma mesinteligencia inevitavel e natural entre os homens. Partindo de experiencias diversas, diversos são os raciocinios. As conclusões são diversissimas, visto que os raciocinios não somente podem avançar mais ou menos longe, mas tambem guiar-se por caminhos diferentes. Será, pois, verdadeiro o solipsismo?

E' certo — baseia-se num fenomeno psicologico. Se o solipsismo fosse verdadeiro, o pensamento pessoal não existia, e a sciencia perdia a sua razão de ser.

O bom senso repele o solipsismo. Esta «duvida hiperbolica» pode alentar os pyrrhonicos; mas, como diz Pascal, se ela obscurece a luz natural, não na apaga inteiramente. O espirito não vive enclausurado dentro do individuo. A sua condição de vida é a comunicabilidade. O pensamento é sobretudo social. Se nós não podemos encargar a sociedade, senão através de nós-propios, tambem não nos poderiamos compreender sem o auxilio da nossa *sociabilidade*.

Se é verdade que, recolhendo-nos em silencio de alma, curvando-nos sobre nós-propios, e analisando-nos, aprendemos a compreender melhor

os nossos semelhantes, tambem é verdade que debruçando-nos e derramando-nos em simpatia sobre o espirito dos outros, aprendemos a compreender-nos melhor e melhor orientar nos meandros labirinticos da vida externa a nossa sensibilidade e actividade espiritual.

Um homem que se habitua á mera meditação interna, desaprende como Amiel, a arte de viver.

A sensibilidade afina até ao desvaio, astenisa-se e perde-se. A intelligencia enevôa-se. Anula-se o sentimento das proporções — sem o qual o mundo é um caos e um sorvedoiro que atrae em vertigem e sepulta a razão. O homem acredita-se um estrangeiro neste mundo. Já não é vida fecunda. E' sombra esteril. Não ama, nem pode agir, nem sabe querer. A hipercultura do Eu limita a consciencia. Os estados mentaes repetem-se sem se alargarem.

Se o maior esforço mental se exerce sobre a hipercultura da vontade e sentimento de predominio, as consequencias sucedentes serão identicas. O desejo vago tornado vontade intensiva de se ultrapassar a si proprio é uma ilusão nobilissima, ilusão que só os altos espiritos podem conceber, mas é uma ilusão. Ninguem pode transpôr os limites que a natureza demarcou. Já Bacon dizia: *Natura non vincitur nisi parendo*.

E' evidente que esse esforço leva o espirito á maxima tensão. Exagerada a tensão, o fio que amarra á vida, parte-se e é então que Nietzsche cae nos porticos da loucura, modulando com convicção e unção o seu desvaio — *Ecce-Homo*.

Mas o erro oposto é igualmente condenavel. A negligencia duma cultura sufficiente do Eu pode conduzir maravilhosamente á formação de majores tarimbeiros, mas jamais levará a esforço digno.

A especulação intima e a observação externa mutualizam-se, condicionam-se e compensam-se.

Ideal seria que se unissem perfeitamente especulação intima e observação externa que jamais se confundirão. Daí surgiria naturalmente o maximo criterio. Resta-nos o esforço a efectuar. E esse esforço será determinado e intensificado por duas convergencias: — o pensamento pessoal que se não subjugua, e o sentimento da simpatia que procura afinidades.

Deste modo se atenuaria um tanto este psitacismo natural e inevitavel.

Este psitacismo, que esquisamos a linhas rapidas, é natural e inevitavel — mas é igualmente ponto de partida determinativo de outro psitacismo, tanto mais condenavel quanto possivelmente evitavel, que consiste no sacrificio do espirito á letra intangivel.

Se um cinge a pedagogia na sua teoria meramente filosofica e geral que traça previamente caminhos a percorrer, o outro envolve-a estreitamente na sua applicação practica que desvia obstaculos nos caminhos em percurso. Isto é, se um permanece como obstaculo irremovivel, inevitavel, fatal, que o espirito pedagogico enreda sem eliminar, o outro ergue-se como obstaculo que pode e deve ser, mais ou menos, removido e eliminado. De facto, em ultima analise, um e outro são inevitaveis, um e outro são ineliminaveis. Não podemos passar sem acentuar isto que mais adiante provaremos. Simplesmente, um surge da natureza propria do espirito, o outro surge dos seus processos logicos.

Se um nasce da natureza propria do espirito — é *absolutamente* indestructivel; se o outro nasce das condições em que o espirito se exerce — é *mais ou menos* eliminavel.

E' a este ultimo, na sua acepção mais precisa — substituição do espirito pela letra — simbolo, que Leibniz deu o nome proprio — psitacismo.

E esta ultima acepção radia cambiantes diversissimas que movem á destrinça. Ha o facto central, operação logica, «pensamento simbolico». Daí deriva subordinadamente o que nó denominamos vulgarmente «algaravia» que é uma deformação e um abuso.

Neste caso e nesta ultima acepção, o psitacismo é logico, ainda necessario, e é illogico, então já condenavel.

A passagem de um para outro é quasi insensivel.

A ponte que conduz do psitacismo logico ou psitacismo illogico é tão suave que a transpomos sem de que dela nos apercebâmos.

A marcha é natural. Corresponde a uma necessidade intima do espirito. O facto historico transforma-se, num momento, logicamente determinado, em lenda.

A palavra, no percurso da sua espiral evolutiva, transfigura-se e perde o sentido primitivo.

Murillo



ASSUNÇÃO DA VIRGEM

(Da coleção Moreira Freire)

Misterio

Pois bem: seja entre nós o esquecimento,
Morra pra sempre o nosso amor mentido!...
(A todo o jardim, inda o mais florido,
Assoma a hora má do estioamento...)

Dias e dias a marchar, perdido
Na estrada da ilusão e do tormento,
Volto de novo ao meu isolamento,
Donde nunca de vera ter saído...

Resignado, nem quero que te arrojés
A dizer-me as razões por que me fojés:
Que nada, nada mais a ti me prenda:

Eu sei que tudo o que deseja, quer
É ansia e coração duma Mulher,
É dos mistericos que ninguém desvenda...

Cesar Casqueiro



MAPA HISTÓRICO DA BELGICA

PELO MUNDO FÓRA

O inevitável consumiu-se. A conflagração europeia avança; ninguém pode deter a marcha galopante. A França combate com galhardia, procurando a *révanche* de 1870. O povo belga, organizando-se e lutando heroicamente para defender a neutralidade do seu território, recebe as homenagens do mundo inteiro.

Os alemães tinham tres caminhos a seguir para invadir a França: a passagem da fronteira francesa, a passagem pela Suíça e a passagem pela Bélgica. No primeiro caso defrontar-se-hiam com as formidáveis fortificações — *Verdun*, *Toul*, *Epinal* e *Belfort* — algumas das quaes, como as de *Verdun*, têm um perimetro de 40 km., arriscando muitos homens, tempo e dinheiro. A investida pela Suíça obrigava os alemães a romper a neutralidade, o que aliás não os incomodou com respeito á Bélgica, cujos territorios contavam atravessar para atacarem a França, apoz a tomada das fortificações de *Liège*, *Huy* e *Namur*.

A heroica cidade de *Liège* organizou uma resistencia formidável sob a direcção do *general Leman*, tendo infligido serias perdas nos alemães.

O *presidente Poincaré* concedeu á cidade a *Legião de Honra*, como manifestação de gratidão pela defesa da integridade do territorio francês.

A Itália mantém-se neutra, a despeito das intimações alemãs e austriacas para entrar na lucta. A França fica assim livre de preocupações na fronteira sudeste, podendo dispôr de 200.000 homens necessários para defender uma invasão italiana.

Os alemães contavam estar em *Bruxelas* no dia 3 e em *Lille* em 5, mas foram surpreendidos pela assombrosa defesa de *Liège*, que dá tempo á mobilisação francesa, cujo exercito foi confiado ao *general French*, e que desembarca em *Antuérpia*, *Ostende* e *Dunkerque*.

Diz uma testemunha que o exercito al-

lemão é pesado e mal disposto. A artilharia belga abre-lhe brechas enormes. Antes da infantaria belga começar a atacar, já o campo de batalha estava coberto de mortos e feridos. Apoz tres dias de ataque, noticiavam os jornaes que o exercito alemão perdera 25.000 homens!

Deve haver exaggero, attendendo a que na guerra de 1870 a Alemanha teve apenas 28.000 mortos.

As noticias da guerra são suspeitas, obrigando-nos á maxima sobriedade, para que não registemos casos tenebrosos como os que correram logo a principio e que deram como esmagada a esquadra alemã, mettida no fundo pela inglesa no *Mar do Norte* (*Dogger Bank*); a morte do almirante *Jellicoe*; o fusillamento de 100 deputados socialistas ao *Reichstag*; aprisionamento dos couraçados alemães *Göeben* e *Breslau*, e afundamento da celeberrima canhoneira *Panther*, resussitada pela terceira vez.

Os taes couraçados estão agora nos *Dardanellos*, adquiridos, diz-se, pela *Turquia*.

Por documentos apprehendidos a officias alemães, que cahiram nas unhas dos belgas, sabe-se que o primeiro exercito do *Kaiser*, composto de dez corpos e quatro divisões de cavallaria, recebeu a missão de invadir a França pela Bélgica, com a maxima surpresa, e, para a facilitar, na vespera seriam occupadas as principaes povoações da fronteira por grupos de soldados de infantaria, vestidos de operarios e munidos de ferramentas e revolvers. Cortariam communicações, pontes, tunneis, estradas e estações antes que o governo de *Bruxelas* se inteirasse d'essas manobras. *Liège* cahir-lhes-hia nas mãos. A vigilância do *general Leman* fez-lhes gorar o plano.

E' conveniente notar que em Maio de 1912 o *London Magazine* publicou um artigo em que se estudavam os projectos do Estado Maior alemão. Entre elles annunciava-se que o primeiro acto da guerra teria por fim a tomada de *Liège*. Demonstrava que os alemães não poderiam rom-

per a linha dos fortes que cobrem a fronteira francesa de este. Preconisava o desembarque de um corpo expedicionario inglês e terminava dizendo que se *Liège* resistisse, os alemães ver-se-hiam obrigados a inverter os termos.

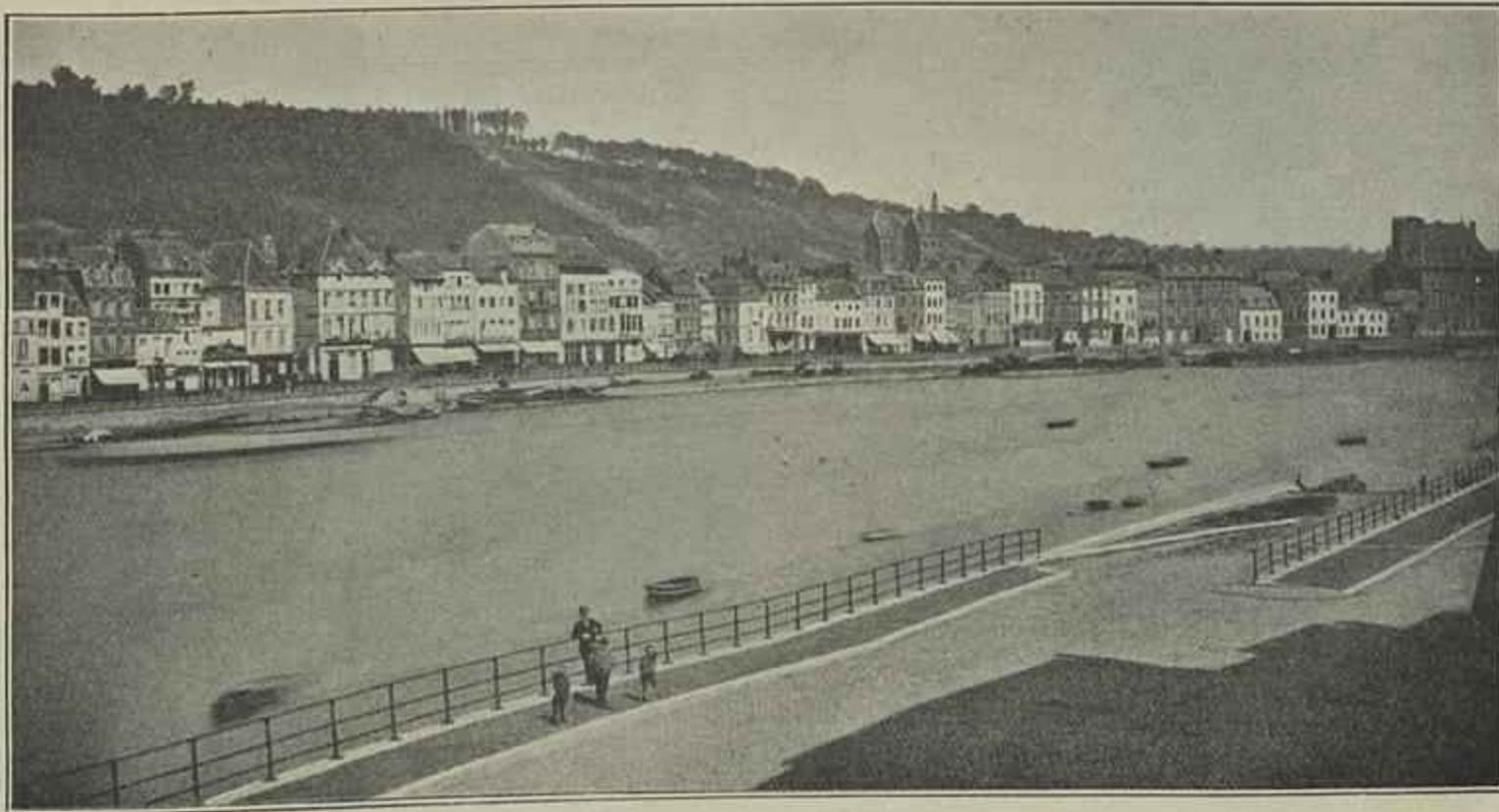
Os factos parecem confirmar essas previsões, dictadas pelo estudo. Estamos prestes a presenciar o choque dos formidáveis exercitos que se estendem numa linha de mais de 300 kilometros, desde *Liège*, cujos fortes são invenciveis, até *Mulhouse*, onde estão os postos avançados franceses. Muitas escaramuças se teem dado em toda a linha de tropas francesas, principalmente em *Longwy*, *Baccarat* e *Sarrebourg*. Ainda mais importantes foram os combates na *Alsacia*. Apoz encarniçadas luctas os franceses apossaram-se dos cumes que dominam *Sainte Marie-aux-Mines*, indo até á planicie de *Colmar*. Estão senhores de *Altkirch* e *Cernay*. Os alemães são valentemente repellidos nos desfiladeiros de *Bonhomme* e *Sainte Marie de Saales*, e os franceses occupam o valle de *Bruche*.

A Alemanha insiste em persuadir a Bélgica de que é contrario aos seus interesses o persistir na lucta pelas armas; que é melhor resignar-se a deixar os exercitos alemães avançar pacificamente até á França atravez o valle do *Meuse*. Em compensação garantia-se a integridade da Bélgica, e mesmo o alargamento do seu territorio, logo apoz a guerra. Estas propostas do *Kaiser* foram feitas por intermedio do governo hollandez. O rei dos belgas regeita-as como insultantes.

Entretanto dão-se recontros importantes em *Givet* e *Landen*, d'onde são desalojados os alemães, que bombardeiam *Pont-à-Mousson*, invadem *Nancy*. Aqui dá-se uma batalha formidável, dirigida pelo generalissimo francês *Joffre*.

Em frente de *Nancy*, centro das posições que os alemães queriam romper, houve espantosa mortandade, causada pela certa pontaria da artilharia francesa.

Uma das maiores batalhas foi a que se deu em *Haelen*, na região de *Diest*, em



BELGICA — VISTA DE LIÈGE

que o exercito belga ficou victorioso. O inimigo contava 250:000 homens commandados pelo general *von Emmich*.

O exercito allemão está em *Varsovia*, capital do antigo reino da Polonia, hoje provincia russa. A intenção do *Kaiser*, ao invadir a Polonia, é talvez reaccender o patriotismo e reavivar as antigas aspirações dos polacos, seguindo o exemplo de Napoleão I na sua memoravel campanha de 1812.

Por outro lado vemos o *czar* dirigir ás populações polacas da Russia, da Alemanha e da Austria, uma proclamação annunciando-lhes a intenção de restituir á Polonia a sua integridade territorial com completa autonomia e garantias no exercicio do culto e uso da lingua polaca.

Qual dos dois imperadores ganhará a partida? O mais certo é os polacos ficarem como d'antes, senão peor.

Os austriacos são batidos pelos russos em *Sokal*. 20:000 cossacos invadem a fronteira allemã, vivendo á custa das povoações por onde passam como cyclone destruidor.

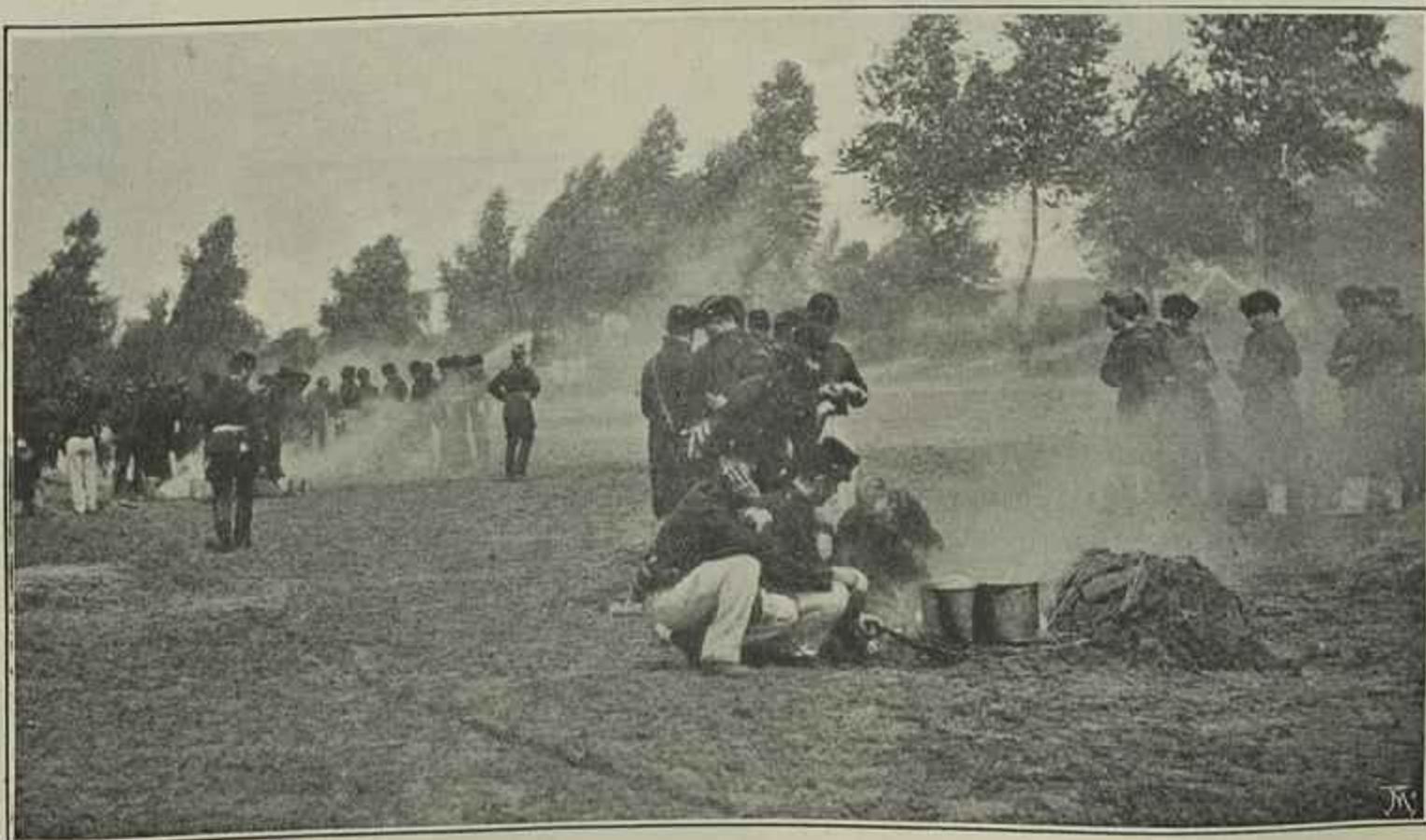
Annunciam-se escaramuças entre russos e allemães em varios pontos da fronteira. Prenuncios de revolução nas ruas de *Moscow*, *Odessa* e *Kieff*, onde se dão vivas á revolução social.

400:000 austriacos invadem a fronteira da Servia, passando o *Save*, mas os servios estão senhores de alguns pontos da *Herzegovina* e esperam repellir os austriacos em toda a parte. A Hollanda prepara-se

para defender a sua neutralidade. A Suecia e a Noruega previnem-se. A Turquia mexe-se, dirigida pelo general allemão *Liman von Sanders*, cuja nomeação causou engulhos á Russia, a eterna açambarcadora dos estreitos, chave do Oriente, e pomo de toda a discordia.

A Inglaterra, que entregou a pasta da guerra ao general *Kitchener*, o heroe do *Transvaal*, augmentou o seu exercito com 500:000 homens, e abriu um credito de 100 milhões de libras para despezas da guerra. Atirou para o fundo com o navio allemão *Koenigin Luise* a 60 milhas de *Harwick*, mas perdeu o *Amphion*, cruzador, com 131 officiaes e marinheiros mortos.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



ACAMPAMENTO BELGA

TOURADAS TOUREIROS



Modesto de Castro



Marcos Pires



José Pinto



Rufino de Castro



Eduardo Salgado



Torres Branco



Torres da Rocha



Marcos de Castro



Luciano Moreira



Marcos dos Santos



João Cabrita



Thomaz Gonçalves



Alfredo dos Santos



Gustavo Damasceno

TOURADAS E TOUREIROS

Os nossos artistas

O divertimento tauromachico é ainda o que mais toca ao coração dos peninsulares. Basta vêr, n'um dia de sol ardente, como esse publico, que occupa ás vezes por completo as bancadas inferiores, allí se conserva de principio ao fim, transpirando por todos os poros, sem um queixume sequer, antes pelo contrario trasbordando de animação aos minimos lances da lide. Chega quasi a ser um heroe!



ANTONIO LUIZ LOPES

E ao verdadeiro aficionado tudo o interessa. Começa logo nas vespéras da corrida por procurar com afan, nos simples réclames dos jornaes, a quem pertencem os touros a lidar e os artistas que tomam parte; depois, a curiosidade do cartaz, lendo-o da primeira á ultima linha, sem perder o mais pequeno detalhe.

Emfim, uma tourada é ainda o espectáculo que mais agrada ao povo, o espectáculo onde elle se agita verdadeiramente e lhe dá largas e margem para desenvolver o seu franco e sincero entusiasmo, esquecendo por momentos o bulício quotidiano do trabalho.



J. J. S. SEGURADO

Por esse motivo estava, pois, reservada ao OCCIDENTE a publicação, tambem, de uma pagina sobre tauromachia, inserindo n'ella os retratos das figuras mais salientes do toureio moderno, que são por assim dizer os seus idolos.

Não resta duvida que o espectáculo perdeu muito do seu brilho com a demolição da praça do Campo de Sant'Anna, verdadeiro campo de

glorias dos toureiros portuguezes, e por onde passaram, igualmente, as maiores notabilidades do paiz vizinho.

Uma das principaes razões foi perder-se o melhor sangue da terra, porque uma vez demolida a velha praça nunca mais criador algum pensou em que se fizesse outro circo, e d'ahi os lavradores começaram a tratar tão somente do arrobamento, perdendo assim os melhores e mais finos sangues que possuíam.

Por outro lado, n'aquellas singelas bancadas, tão singelas que quem quer que andasse nos corredores podia vêr os que se assentavam por cima, occupava logar quem via e percebia, o que agora nem sempre succede.

E isso dava logar a que o artista estudasse e respeitasse o publico, que o temesse até.

Hoje, cada espectador diz-se um entendido, e não é raro mesmo quererem passar por auctoridades, fazendo acreditar aos novos artistas, seus amigos, valor que não teem e estão mesmo longe de possuírem.

Este facto, que á primeira vista parecerá de minima importancia, tem dado causa a que a maioria dos toureiros portuguezes da nova geração quasi que estacionasse, pois além de carecerem do gosto que em outros tempos animava o verdadeiro artista, falta-lhe o incitamento dos entendidos, o conselho de aficionados da categoria de Salvador Marques, José Horta, Pinto de Campos, Quatro-dedos, e outros.

Todos os artistas, toureiros ou actores, emfim, tiveram sempre os seus amigos, que em tempos idos lhes serviam de guia, e aos quaes muitos deveram até o seu renome. Agora, porém, o amigo do artista longe de o auxiliar, prejudica-o, já indispondo-o com os collegas, já levando-o a fazer ás empresas exigencias extemporaneas, e muitas vezes até, levando-o a tratar o publico menos respeitavelmente.

Como quem diz — outros tempos, outros costumes. Mas talvez por isso mesmo a decadencia da arte é manifesta, assignalando se a falta de toureiros de reconhecido merito, como o foram Sedvem e Mourisca, Tinoco e Fernando de Oliveira, Roberto e Peixinhos, Pontes, Caletes e Caixinhas, para não irmos além dos mortos. E' que a educação artistica, então, era outra...

A nossa pagina central estampa os retratos das principaes figuras do toureio portuguez na actualidade, tanto a cavallo como de pé. Algumas são verdadeiras notabilidades, lidimas glorias da festa nacional; outras, estacionaram, por culpa propria e de maus conselheiros, como já apontamos.

E não temos duvida mesmo de dizer, que varios dos que teem nas lides da arena um simples nome corrente, podiam ter alcançado grande renome, se em vez de terem nascido em Portugal o tivessem sido em Hespanha, onde o publico e a imprensa, por demais entendido e severa, educam e criam verdadeiras summidades.

A acompanhar as gravuras d'esses artistas, é-nos grato dar tambem os retratos dos srs. Antonio Luiz Lopes e J. J. S. Segurado, que compõem a actual empresa do Campo Pequeno, e se empenham por elevar o espectáculo ao grau de brilhantismo a que tem jus.

CARLOS ABREU.

Escolas literarias em Portugal

Três dos seus cultores

(Continuado do n.º 1281)

Folheando a historia da literatura portuguesa, facilmente se observa que a poesia foi a forma preferida para a manifestação do genio lusitano.

Embora haja, em outros ramos literarios, trabalhos de valor, é indiscutivel que, em formas poeticas, se destacam as melhores paginas, vividas, scintilantes, repassadas de nobreza de conceitos, de excelencias de estilo ou de riquezas de inspiração, de veracidade de linguagem.

Compreende-se. A poesia presta-se admiravelmente ás revelações do talento, aos

devaneios da imaginação, ás variabilidades do sentimento. História, eloquencia, filosofia, romance estão, mais, ao serviço da erudição que da originalidade; são formas pesadas, austeras e, portanto, menos atraentes.

O espirito peninsular espanico com o seu calor meridional, febril e sonhador, acha se bem nos ritmos da métrica, na dicção colorida, musical, que tanto encanta os sentidos e tão carinhosamente fala ao coração. Ora divaga pelos campos mimosos do lirismo, colhendo flores e enebriando-se com os seus arômas, ora vagueia pelas regiões graves da epopéa admirando os heróis e entusiasmando-se com os seus feitos.

Anacreontica, umas vezes, pindárica, outras, a alma portuguesa tem a tendencia poetica e, em oito séculos, de elaboração literaria, tem produzido, desde a simples trova popular á estrofe primorosamente artistica, trechos de verdadeiro merecimento.

Como se deprende da indole da nossa primitiva poesia provençal, foi a escola romantica aquela em que, primeiro, se filiaram as vocações poeticas da península.

A poesia dos trovadores de inspiração rasgada e original, desconhecendo os preceitos clássicos, abandonando as acções da antiguidade, celebrando as aventuras amorosas e guerreiras da época, familiarisa-se com a nobreza pelo trovador propriamente dito ou o poeta das côrtes, dos castelos, do amor, e relaciona-se com o povo pelo jogral ou poeta vagabundo que, ao som do alaúde, percorrendo os solares e as aldeias, canta as façanhas belicosas e enaltece o espirito cavaleiroso dos ciclos de Carlos Magno e do rei Artur.

A poesia jogralesca perde, com o correr dos tempos, o seu caracter e converteu-se em satira pungente e imoral, provocando, assim, a justa censura e a opposição acintosa da nobreza e da igreja, cujos principais membros eram, acremente, invectivados pelos jograis e o desprezo dos proprios trovadores que, vivendo noutro meio, não queriam confundir se com esses poetas injuriantes que não sabiam respeitar a honra fidalga e a gravidade religiosa.

Entretanto, durante muito tempo, o jogral continua existindo, não na qualidade de poeta peregrino e popular, mas como bobo ou truão dos paços reais cuja veia satirica era, muitas vezes, aproveitada pelos reis para atacar, em tom de gracejo, os vícios e os defeitos dos nobres. Estes ataques sarcasticos, acompanhados de charrices mais ou menos pesadas, recreavam o soberano e explicavam a existencia, em palacio, do pobre histrião.

Com a cultura de espirito e progresso de civilização, o gosto depura-se, a arte desponta e a Italia, a bela península do Mediterraneo, produz o divino Dante, o imortal Petrarca e o inimitavel Bocacio, trindade diamantina, aurora radiantissima de uma nova escola destinada a dominar séculos com o esmero das suas formas, com o prestigio dos seus cultores.

Ressurreição dos velhos tempos, proclamação de regimen de arte, escrupulosamente, mantida, embora com sacrificio de originalidade, o classicismo nasce, em Portugal, com feição italiana, no século seiscentista, mercê da influencia de Miranda e Ferreira.

Perde-se, pois, nos dédalos da imitação

a veia portuguesa; a poesia ficou mais artística mas menos nacional. Contra esta orientação, resistiram Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Cristovam Falcão, os últimos reductos do provençalismo, pugnando pelos nossos primeiros metros, ou a redondilha popular.

Apesar do apêgo á escola dos trovadores desses robustos paladinos, a ultima hora do velho trovador tinha soado e a lei inevitável do destino havia de cumprir-se.

Em concerto primoroso, fazem-se ouvir os acordes homéricos e virgilianos suavemente temperados pelo gosto moderno e os três vultos da Italia impressionam a patria de Camões, o eminente cantor que, embora sem fanatismo, é notavel representante, pela fórma, dos aureos tempos da Grecia e Roma.

Ao brilhantismo itálico, succede o culturanismo espanhol ou a escola de Gongora, conjunto de defeitos de linguagem e triste consequencia da sujeição ao domínio castelhano, durante o qual, a lingua patria é tida como plebeia, indigna de gente polida, impropria para exprimir pensamento nobre e elevado.

A nossa decadencia contrasta sensivelmente com a prosperidade da Espanha.

Enquanto, entre nós, se rejeita o proprio idioma, se entrava a circulação dos Lusiadas, se cantam as façanhas de Ulisses e se lêem os versos de Violante e Vata, revelam-se, na nação visinha, Cervantes, Calderon, Quevedo, Lope de Vega, Tirso de Molina e outros cujo brilho deslumbrou

a península. Os escritores portugueses eram pálidas figuras junto destes genios e esqueciam a patria na contemplação de tais notabilidades. Tinha-se, mesmo, perdido a noção do patriotismo e, se não fosse a politica insensata dos dominadores, era muito provavel que nos conformássemos, com beatifica resignação, ao papel de eternos vassallos.

Felizmente, tal se não deu.

Resto de antigos brios desperta e, em 1640, raiou nová aurora.

A grande transformação politica devia, necessariamente, reflectir-se nas letras e dar-lhes nova direcção.

Assim foi.

A saudade dos tempos classicos fez-se sentir, a lembrança dessa época brilhante voltou e reconheceu-se que, só pelo estudo e emitação dos antigos modelos, seria possível levantar as letras da sua quase ruina total. Com tais vistas, ressuscita-se o classicismo puro com a fundação da *Arcadia* cujo principal representante foi Filinto e da escola francesa, na qual, Elmano mais se distinguiu.

Com a implantação do governo constitucional, liberdades amplas são estabelecidas e a literatura, entrando em nova fase da sua existencia, apresenta-nos a oratoria parlamentar e a restauração da escola romantica que, separando, radicalmente, o mundo antigo do moderno pela proclamação da liberdade de sentimento, como que nos transporta á Idade média e nos recorda os canticos inspirados e originaes

dos trovadores e os personagens épicos dos romances de cavalaria.

E', nesta escola, que têm florescido os talentos mais brilhantes da Idade moderna, aqueles que sabem compreender a literatura não como um méro passatempo, uma simples ostentação de dotes intellectuais, um acanhado recinto de severo convencionalismo, mas uma instituição genuinamente nacional, que deve acompanhar a marcha progressiva dos povos, traduzindo os seus sentimentos, modificando-se com o espirito das épocas, explorando os assuntos que mais interessam e adoptando as melhores fórmas.

(Continúa.)

DAMASCENO NUNES.

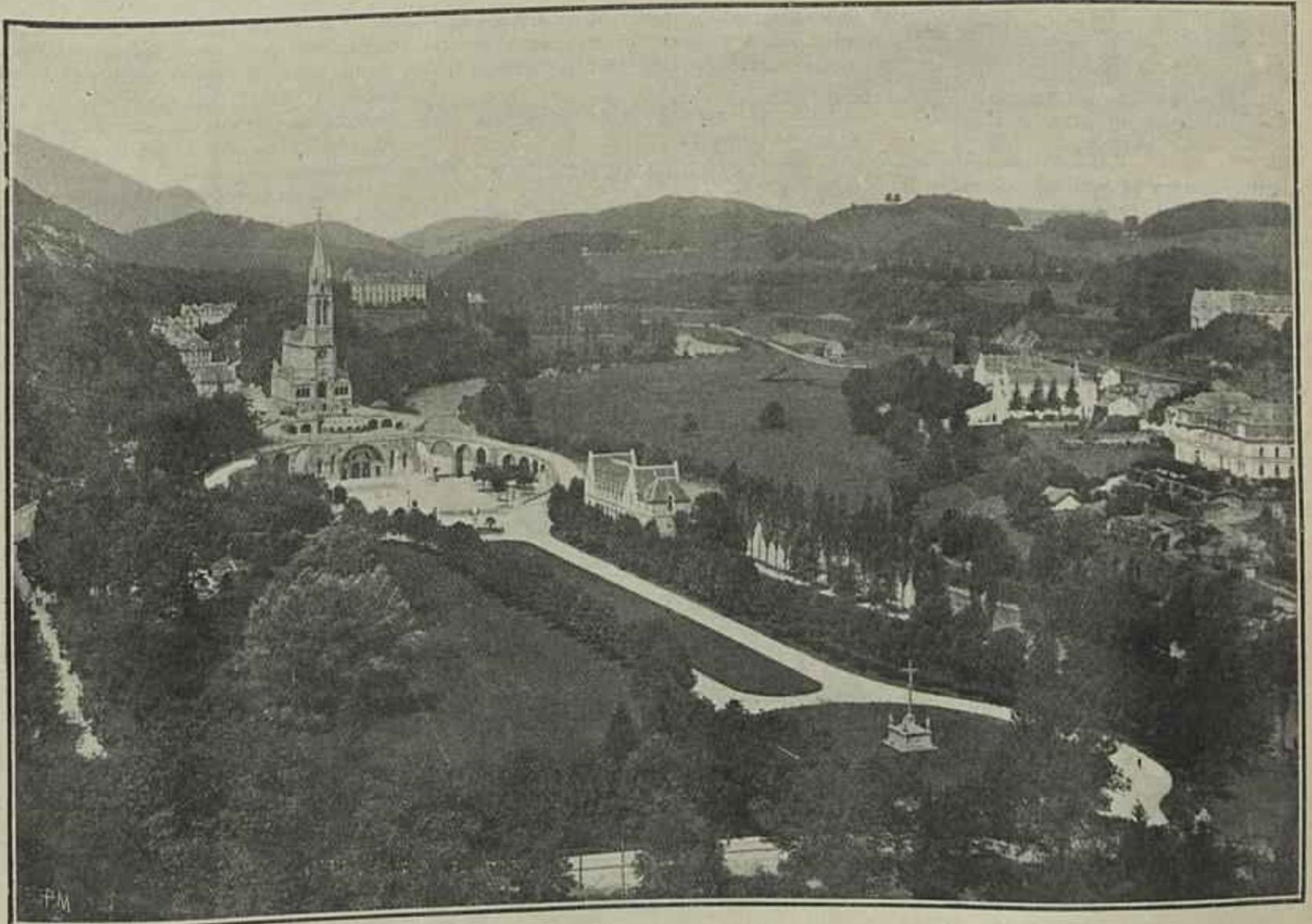


Tragédia do sol pôsto

POB

Alfonso Duarte

Altissimo Poeta, extranho genio d'artista, recolheu a dentro dos seus olhos de evocador toda a belleza rasgada dos poetas, gestos do sol na morte, o corpo dado ás ondas roujagens d'agua onde aconchega a face. E aos gritos da sua voz que este livro repete em versos orchestraes, no estremecer inquieto dos sentidos, veem até nós, em doida correria, as mil tragedias



FRANÇA — VISTA GERAL DE LOURDES

Decorreram cincoenta anos sobre a primeira peregrinação á sagrada gruta de Lourdes. Ali se realisou o XXV Congresso Eucharístico, extraordinariamente concorrido, por mais de 300.000 catolicos afervorados na Crença da divina Pastora. Cardeaes e bispos de todas as nacionalidades, tomaram parte nas grandiosas festividades que se realisaram recentemente exaltadas dum comovedor e religioso entusiasmo.

de mil tardes em que vimos tombar o sol no mar. Porque adentro destas paginas cantam a grande sinfonia das côres, todos os poentes da planicie maritima numa vertigem que prende, arrasta, morde...

O scenario fe-l'o Deus, talvez, para o Poeta: choupos esguios, ramagens em soluços, povôam a campina para além; e ao fundo, sombra das eras, éco do que foi, o castello de Monte-mór-Velho, lançado em rectas no azul, alevanta as suas torres que o sol beija ás tardes.

Entra o livro pela *Algoria da Tarde*; tres sonetos, cheios de formosura, acompanhando o gesto, ainda vago, do cair das horas mortas.

Vêde o primeiro:

Recolhe o dia aos campos e á cidade
A Tarde... E num crepusculo de beijos
— Que o sol atança a boca aos meus desejos
As horas vão morrendo com saudade.

E o dia lembra. — que é chegado ao fim,
Ao Pintor das Penumbra a que venha...
E como deixa os altos da montanha
O sol, á tarde, afasta-se de mim.

Vae longe a taça de oiro e pedrarias
Das voluptuosas bêbadas manhans
Do grande Sol heroico dos bons dias!

E ao recair das horas pelo outono
As coisas choram lágrimas cristans
Sob as cinzas da tarde ao abandono.

Depois vem a *Ora Maritima*, *Tragedia do sol pôsto*, *Preludio ante o crepusculo*, *Ante a Esfinge da noite*, *Ora mistica*, *Noviliúio* e *Fada da Esfinge ante o Silencio*.

E ao dobrar a ultima pagina deste livro os nossos olhos choram com saudade.

Leiria — x — junho — MCMXIV.

A. D'A. TEIXEIRA.

Folhas soltas

Pela paz

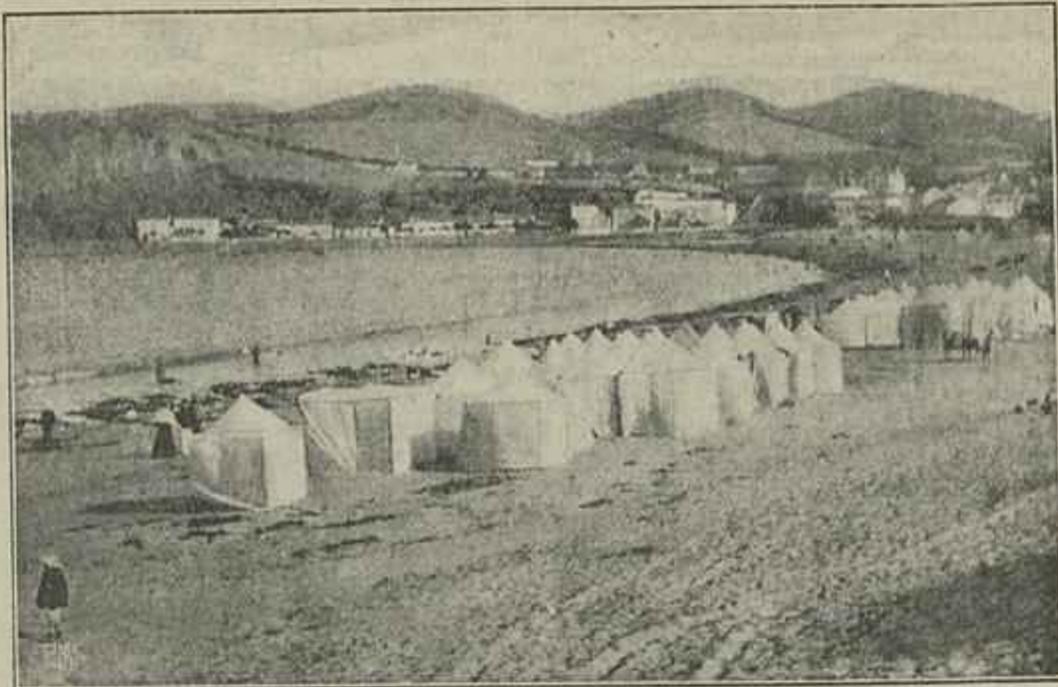
A guerra entre as grandes potencias da Europa, fallada e esperada ha tanto tempo, e que o geral pensava que jamais se realisaria, passou infelizmente do sonho para a realidade.

A França, Allemanha, Inglaterra, Russia, Austria, Belgica, Servia, Montenegro e talvez d'aqui a pouco Italia e Turquia batem-se com os seus formidaveis exercitos de terra, e em pouco tempo as importantes esquadras, ingleza, franceza e alleman chocar-se-hão em combates terriveis cujo quadro de sangue será extraordinario de grandeza e pavor!

O espectáculo que apresenta n'este momento a velha Europa é unico sob o seu aspecto funesto, pois que a arte de guerra moderna é tanto de rapida como de pavorosa! Já hoje não vemos os antigos encontros de arma branca e das machinas de guerra, vemos sim o conjunto de descobertas, de meios de guerra moderna que a *civilização* põe agora em pratica.

E' cruel o aspecto que esta parte do mundo apresenta perante nós. Olhemos friamente, se isso se pôde fazer, para os resultados d'esses combates, que veremos? Montes de cadaveres, de feridos, de inutilisados! Homens na flôr da vida, que viviam risonhos junto dos seus, uns já mortos, outros sem braços, sem pernas, varados pelas balas.

Quantas lagrimas de esposas, de mães, de irmãs? Familias de luto, arruinadas; crianças sem paes, quando apenas come-



PRAIA DE S. MARTINHO DO PORTO

çavam a desabrochar n'este campo chamado a vida.

A juntar a tudo isto, virão outros resultados funestos. As industrias, o commercio, as artes, as letras, as sciencias, ficarão paralyzadas por quantos annos? Não se pôde caucular. A somma total d'este cataclysmo que presenciamos será talvez a fome e a miseria.

Quando virão as azas brancas da paz? Que venham quanto antes; que todos se compenbrem que n'esta terra o homem tem outra missão muito mais alta a cumprir, pois a guerra não tem razão de ser n'este seculo de alto grau de cultura intellectual.

Pela paz! eis o grito que deve sahir de todos os corações.

S. Martinho do Porto

Na escolha das thermas que todos os annos é feita pelo geral das familias, as Caldas da Rainha occupam um lugar privilegiado, por isso que a sua situação não se pode comparar com nenhuma outra. Não fallando, já se vê, das qualidades que as suas aguas possuem, nem dos parques que guarnecem a villa onde arvores seculares nos dão sombras agradabilissimas, a villa das Caldas um conjunto de arredores que a tornam um centro de turismo extraordinario. Assim, com a maxima facilidade, poder-se-ha visitar Alcobaça, Batalha, Leiria, Rio Maior, Obidos, Peniche, Foz, S. Martinho do Porto, etc.

Hoje direi duas palavras sobre esta encantadora praia de S. Martinho, que, orgulhosa da sua bahia, faz dimanar de si uma enorme e suggestiva attração poetica, ao mesmo tempo que é revestida de uma tonalidade de modestia, singela e simples.

Das Caldas para S. Martinho dois meios existem para que possa ser visitada ou pela estrada, lindo passeio de carruagem, ou pela linha de caminho de ferro, trajecto que pôde levar talvez uns trinta minutos.

Logo que o comboio se aproxima, vemos a região composta de dunas, e lá ao longe entre dois altos môrros enxergamos a entrada da bahia. A villasinha, na encosta de uma montanha, está como suspensa sobre a linda bahia, e as casas muito brancas, como pombas, apresentam quan-

do illuminadas pelo sol um aspecto garrido, repassado d'um ar salino que as torna muito saudaveis.

A bahia é lindissima e dentro da sua tranquillidade majestosa, quando illuminada pelo sol ou em noites de luar, temos a impressão que estamos n'essa poetica Veneza, horas de silencio em que apenas se ouve o bater das ondinhas n'um rythmo cheio de phantasia.

Não encontramos n'esta praia, felizmente, a concorrência d'outras praias do nosso paiz, as casas alugam-se todos os annos para meia duzia de familias e estas organisam todas as épocas festas interessantes, passeios pela bahia, serenatas nocturnas, burricadas, concertos, danças populares, etc., reinando em todos a mais perfeita harmonia.

Todas as vezes que deixamos S. Martinho do Porto e o comboio nos afasta cada vez mais d'esta praia encantadôra e quando ao longe a villa, na encosta da montanha, vae desaparecendo com a maior distancia, sentimos sempre saudades de a deixarmos, pois é uma terra que respira da sua humildade um conjunto de requintes que melhor aproveitados concorreriam para a tornar uma praia bella em toda a parte do mundo.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

Livros recebidos

Brazil e Portugal — por *Moreira Telles* — (Apontamentos para a historia das Relações dos dois Paizes), composto e impresso na tipografia José Bastos — Rua da Alegria, 100 — Lisboa — Depósito: Livraria Ventura Abrantes — Rua do Alecrim, 80 e 82 — Lisboa.

Biblioteca Historica — *Francisco Ferrer e a semana tragica de Barcelona* — por *Blasco Diaz*. Editor: Alfredo David — Rua Serpa Pinto, 34 — Lisboa.

Inauguración del Curso Academico de 1913-14 — *Discurso inaugural del presidente D. Rafael Maria de Labra* — Tipografia de Fortanet — Madrid.

La personalidad internacional de España — *Discurso por D. Rafael Maria de Labra y Contestacion de D. Gumersindo de Azcárate, no dia 19 de maio de 1912* — Tipografia de Fortanet — Madrid.

Oportunamente faremos critica apropiada.

Parques e jardins de Lisboa

Arboretos

VII

(Continuado do n.º 1279)

— *Le point de départ, la base même de la composition d'un jardin, résulte souvent de nécessités absolument étrangères au jardin lui-même.*

Ed. ARBÉ, architecte.

Tão significativa se oferece esta observação e, nos seus termos, mais elucidativo o comentário que n'ela lêmos; tanto, além d'isso, condiz com o que se nos depara no ponto em que estamos da digressão, que das trasladadas palavras também tiramos argumento maior. E não esqueçamos que a notícia que vamos tecendo, versa, principalmente, mas não exclusivamente, sobre o que nos jardins publicos citadinos, e com a sua formosura, acorda impressões mais vivas; ou, por interessante, excita a curiosidade e gera o empenho de, ahí, colher maiores esclarecimentos, em tantos modos uteis.

Aprazado, como ficou, o momento para frizar pormenores do extenso e floreante quadro, taes perspectivas e tão singulares n'ele se dão, que também incitam a que se componha mais vária a narrativa. Vistas proprias e critério singular, tão sómente!

Sigam-se essas perspectivas em seus caprichos e moneios; interpretem-se nos seus fundamentos; que, n'uma e n'outra das mais aparentes modalidades, se mostrará aferido na sua exactidão o comentário aduzido. E por que assim seja, não é ocioso, e muito menos banal, aponta-lo n'uma orientação.

Vem essas perspectivas desenhando os mais salientes aspectos da morfologia do solo de Lisboa, em si tão característica. Ahí — e no trecho ora mais particularmente visado — elas recordam como n'ele se manifestou, em movimentos mais bruscos, a actividade orogenica, que tantas investigações tem suscitado, e a tantos estudos dado motivo.

De relance, se reconhece que a expressão arquitetonicamente decorativa, mesmo quando mais simples, dos jardins que alindam aquella situação, resulta consequente d'umas tantas obras estruturales de defesa que a natureza geognostica

do relevo citadino impoz se arquetetarem n'uma garantia para a construção da cidade, cuja expansão sobre o planalto, que a seguir se desenrola, assumia, já então, grande importancia.

Se essas obras não rompem, esteticamente, mais graciosas, e ainda superiormente nobres, — por outro modo, e a despeito d'estes reparos, se oferecem, contudo, interessantes. E até mais singulares quando, breve, sugerem a concepção do seu desenvolvimento monumental, constituído por abraços mecanicos, lançados em viadutos de mais elevada arquitetura. Com eles, necessariamente, se dotará Lisboa, para bem se acomodar ás exigencias do progresso, por eles ganhando maiores, inconfundiveis aspectos a superiorizarem-lhe a beleza sua!

Seguimos, agora, n'uma das suas voltas, notavel e levantada curva do relevo citadino. Porém, ao passo que a notamos, prendem-se-nos as vistas — que arvezados meandros aliás não perturbam — ao trecho mais declivoso da vertente que, pela sua exposição, os roseos alvares das nossas madrugadas luminosas acariciam, e d'onde, — meia ascensão vencida — já se alcança, ao descair da tarde, ver no fronteiro horizonte o rubro reflexo do sol poente, e esmaltados em polycromos tons se descobrem os outeiros em cujas cristas, ora se poetisa um voto; ora escura mole assinala victorias grandes; e, para maior contraste, brancos marmores vincam aspirações de acendrada crença! Trecho e vertente a que, no sopé, correspondem as formosas alamedas que exornam o vale e o rasgamento da Avenida da Liberdade.

Logo, na cumiada, se elevam as densas franças do arvoredo, recortando, breve, o horizonte e ainda traçando esmeraldino virente festão sobre as cupulas — que bem era, na razão do clima, que a luz espelhassem — dos edificios que assentam no vale; e, n'uma curta nesga, se descobre, escalonado, o jardim-belver de S. Pedro da Alcantara.

Com o seu miradoiro a entestar o planalto occidental, a umbrosa alameda a este jardim sobranceira, tornando amena e deleitosa a estancia por que suave se cõa, por entre a ramaria, a viva e mais quente luz meridional, envolve ainda outras e mais significativas expressões, se bem que menos ostensivamente.

Esses renques de frondosas arvores cobrem e assinalam a curva isosista, que, para este lado da urbs, corresponde ao desenvolvimento que attingiu a vaga de maior intensidade do megasismo de 1755.

E queremos dizer que esta singular referencia

tem, aqui, maior cabimento. Ajusta, em certo modo, ao que vem lembrando a trasladada epigrafe.

Que, se a outro campo levamos o nosso critério, razões occorrem que seriam para justificar que, no mosaico do miradoiro, ou nas pilastras da cercadura, se traçasse o vestigio, se inscrevesse o registo d'aquella curva. Lição, por sem duvida archeologica, assim se estampava eloquente e muito a par das investigações e dos aplaudidos estudos recentes do engenheiro sr. Pereira e Sousa.

Suum cuique.

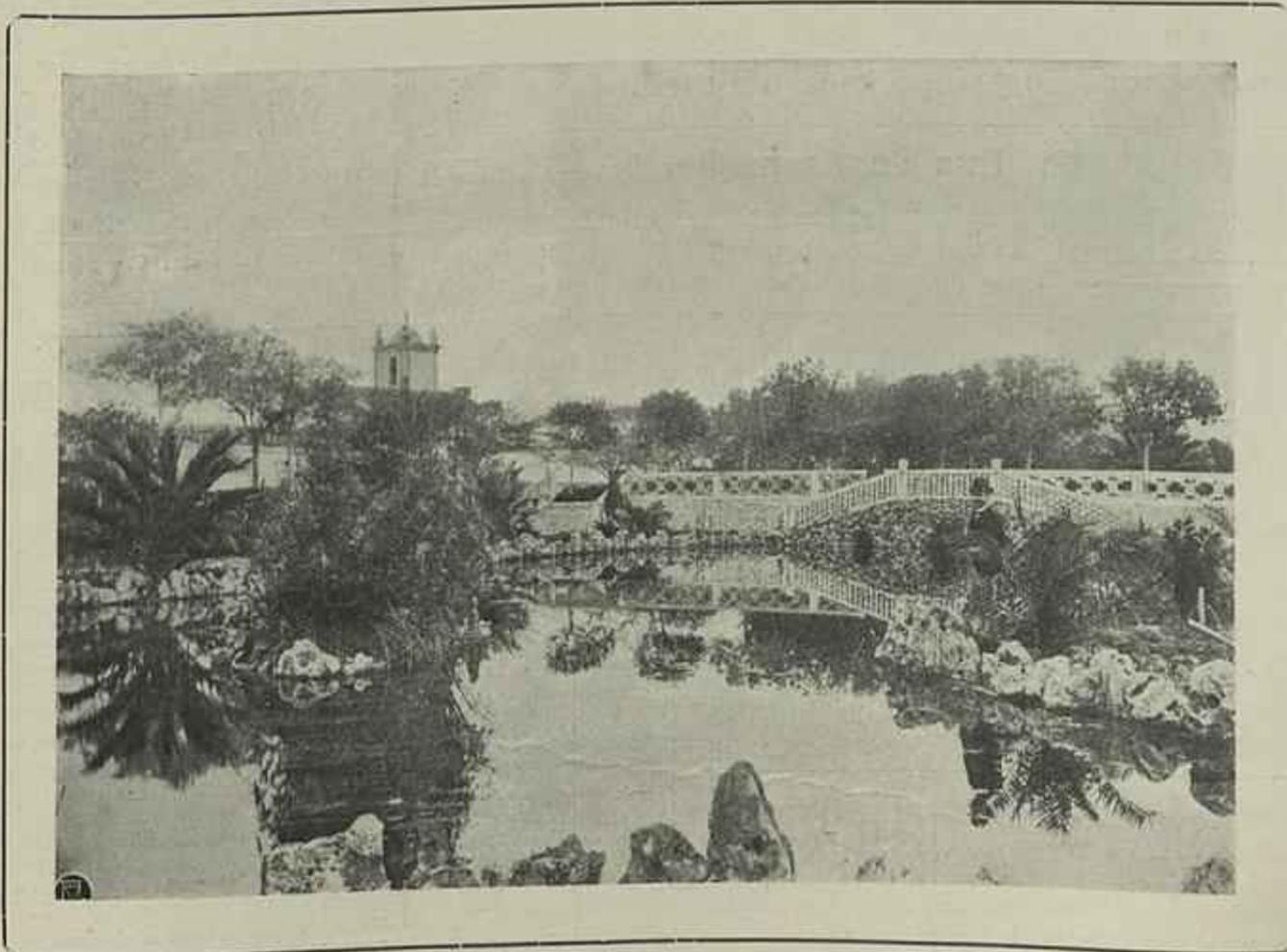
Foi, pois, aquele abalo mais desastroso que, provocando desmoronamentos na citada encosta, tornou maior a necessidade de a consolidar pela construção de contrafortes de muralhas. Estão eles desenhados no muito interessante e detalhada *Carta topografica de Lisboa e seus suburbios*, levantada no ano de 1807, sob a direcção do engenheiro Duarte José Fava.

Ampliou-se, posteriormente, aquella obra de consolidação; e no seu desenvolvimento combinaram-se escadarias e lacetes. Com a sua utilidade, dão ao trecho um certo relevo arquitetural, concordando com a sua feição-belver. Mais expressivo seria, porém, o conjunto, na sua perspectiva, se, consoante a situação, por completo tivessem vingado os argumentos esteticos em que tem de inspirar-se a urdidura das cidades que, a par do seu desenvolvimento, se modernisam.

Com o que eles lembram e nos dizem, e logo a censura que traços ao revez justificam, notemos, mais favoravelmente, que a umbrosa alameda, por seu turno, contribue para mais prender o solo. Triplice significado, pois, o d'esse ornamento floral, na sua pujança vegetativa — se mais se expande, e assim formoso; se tanto vale pela sua função igienica; se ainda muito, como fixador do terreno, quando n'elle enraiza — a bem medida distancia do contraforte — mais fundamentalmente em sucessivas camadas, na razão da preferencia com que se elegeram as arvores que essa alameda compõem.

Esta importante função, se, porventura, não lembrou, primeiro, guiando o pensamento, do que lhe fa ou o proposito d'embelezamento pela plantação d'aquellas arvores, hoje frondosas, veiu, emfim, a combinar-se com os outros meios a que se recorreu para consolidar o terraço que no alto da encosta constituia, segundo diz a legenda inscrita n'aquella Carta topografica — o *Largo de S. Pedro de Alcantara*, varrido e nú.

Se, ora, altos fustes, expandindo-se enfolhados, o alamedam, aqui se nos depara, em parte, con-



BELEM — JARDIM COLONIAL.

firmada a observação do arquiteto francez, dando-se vincado «le point de départ» d'este aformoseamento. Que, proseguindo, ainda melhor a fixamos, no seu criterio.

Condições taes de medida assinaram o intervalo entre os primeiros contrafortes que se levantaram escalonados pela vertente, que, enfim — e não desde logo — surge a ideia de transformar o elevado soalco ali formado, de o cobrir na sua nudez, ajardinando-o. E, com esta mimosa expressão ridente, se, breve estancia romantica e trecho vário em seus ornamentos recordando a composição d'outros jardins e d'elles arrancados, — novo e aberto miradoiro, esse soalco, quando já enlaçado á alameda da cumiada por escadarias mais singelas no seu estreito passo e no traço dos seus patamares.

Florejada e sorridente veiu surgindo a obra nos seus coroaamentos. Maior decoração citadina, desde que mais harmonica no seu desenvolvimento. Esmoreceu, porém, o esforço, ou d'ahi se apartou o pensamento, para que ficasse mais bela e soberba. Obliteraram-se, para a inspiração arquitetónica, os argumentos esteticos, concernentes ao realce e á perspectiva d'aquella feição-belver, e ao seu horisonte em aspectos panorâmicos que tanto elegem a situação. Argumentos são esses de suma valia, como quer a Arte, e encomiasticos, se adotados, para a civilização nossa que tanto importa proclamar vincando os n'esta e n'outras obras.

Acaso se truncou o plano d'este aformoseamento e da renovação que por ele se pautava. Se assim não fôra estariam já agora encadeados, por um traço elegante e racional, aqueles lacetes — que a meia encosta contornam a alameda e o jardim de S. Pedro de Alcantara — ao lanço inferior da rampa sinuosa e abrupta adjacente ao duplo terraço, e ainda aos meandros da topografia urbana até onde rompe, em soalco decorativo, o umbroso oásis da Praça da Alegria.

Tal este se oferece ás vistas com a sua arquitetura verde; tanto, ali, a composição pôde ainda ostentar maiores galas; que diríamos constituir um portico, aberto lateralmente, sobre a Avenida da Liberdade.

A figuração é, certamente, impressionista; mas em termos taes arquitetonicos se compõe o trecho, que se prestam a sustentá-la. E a situação articula-se em condições tão excepçionaes que levam a notar a concordancia d'ela com outros trechos citadinos de mais elevada cota.

N'um relance do pensamento, aquele umbroso

oásis surge como floreo laço entre aqueles lacetes e os jardins de variada expressão com que o planalto se aformoseia, e o notavel e exuberante arboreto que veste e singularmente engalana outra volta da vertente.

Transposto o esboçado portico e caminho seguindo dos lacetes que contornam os miradoiros da alameda e jardim de S. Pedro de Alcantara, de passagem notemos como se compõe e matiza aquelle trecho mais breve, e nem por isso menos característico.

(Continua.)

F. JULIO BORGES.

LITTERATURA

O LEQUE

Estava a noiva timida e formosa, na primeira manhã do seu noivado, na pequenina alcova silenciosa onde abraçara o seu esposo amado.

Graciosa, o leque de charão agita, desopprimido o suffocado peito; mas n'elle, por acaso, estava escripta uma phrase que tinha este conceito:

«Nos dias de calor, em pleno estio, o meu frescôr suavissimo appeteece... chega o rigor do inverno, chega o frio, e toda a gente me desdenha e esquece.»

A noiva leu; e n'isto, de repente, ergueu o olhar, turbada e pensativa... Deixou-a aquelle distico innocente n'uma vaga tristeza apprehensiva.

«É moço, diz, o meu amado esposo; por isso vem, n'este primeiro ardor, refrigerar seu coração fogoso nas caricias subteis do meu amor

Mas quando tiver frio o coração, e n'elle a chamma juvenil pereça, quando fôr sem desejo e sem paixão, talvez um dia me desdenhe e esqueça...»

ANTONIO FERRO.



Cumpra o teu dever — Leituras patrioticas — Edição da Casa Alfredo David.

Sentia-se bem a necessidade da publicação de pequeninos livros deste genero, destinados a fornecer ás crianças preceitos, narrativas amenas, exemplos de patriotismos, que lhes modelassem harmonicamente o caracter e incutissem no espirito os pensamentos mais puros e os mais nobres ideaes. Fizeram-se por vezes tentâmes. O que é certo, é que essas generosas tentativas caducaram todas, ou quasi todas, em breve, sem exito. Agora, foi o sr. Alfredo David que tomou a peito a sua empreza, visando os mesmos fins. E é com alegria que verificamos ser com exito orientada essa empreza benemerita. O livrinho que temos presente — *Cumpra o teu dever* — é um volume da *Biblioteca da Infancia* que mais duma vez temos noticiado aos nossos leitores. Mimosamente editado, escrito correctamente, merece o aplauso de todos aqueles que ás criancinhas sabem dedicar o mais esclarecido carinho.

Segredos do Coração — Romance, por Luis de Val — Casa Editôra, Belem & C.ª Suc.

Desta acreditada casa editôra, recebemos mais um tomo deste lindo e popular romance. Desde o primeiro volume, o interesse do entreccho cresce e empolga irresistivelmente. Como o titulo indica, é um livro que põe em foco, a toda a luz, os misterios do coração e miserias varias da sociedade. Tem todo o brilho dos oitopeis e movimentação de scena, que calam no espirito do povo. Somente, por estas razões se explica o successo que mereceu do publico.

O Vôo Mecanico — *Orgão do Centro Nacional de Aviação*. Director, Carlos Correia Paraiço. Redator principal, Fernando Valle. Recebemos o n.º 3 d'este periodico, que pela sua indole merece registro, propondo-se á propaganda da aviação em Portugal, onde, diga-se em verdade, ella tem por emquanto pouco ou quasi nenhum incremento.

ATTENÇÃO

A Empresa do «Occidente» acceita propostas para agentes em todas as terras do paiz, Africa e Brazil.

CASA PARIS

Rua da Assunção, 56 — LISBOA

— Grande e variado sortimento de brinquedos, quinquilherias e artigos proprios para brindes

10 % de desconto aos clientes da casa Pires Marinho — PREÇO FIXO

TRESPASSE

Bom emprego de Capital

No centro da cidade ha um magnifico e acreditado estabelecimento de ourivesaria que se trespasa pelo motivo do seu proprietario desejar retirar-se do commercio.

Carta ás iniciais S. A. R.

Avenida da Republica, 84-B
LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Atelier Photo-Chimi-Graphico

J. MARINHO

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photographias. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.



GRAND PRIX
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LONDRES 1904.

Xarope Peitoral James

Premiado com medalhas de ouro nas exposições Lisboa 1888, Paris 1889, Belem 1893, Anvers 1894, Londres 1904, Rio de Janeiro 1906, etc.

Heroico contra todas as afeções dos orgãos respiratorios, taes como: tosses rebeldes ou convulsas, ataques asma-ticos, bronquites agudas ou crônicas. Legalmente autorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Higiene dos E. U. do Brazil.

A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS.

DEPOSITO GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS
PEDRO FRANCO & C.ª
RUA DE BELEM, 147 — LISBOA